



Aufklärung – Que, Quem e Porque?

Termômetro de Kant / A Liberdade de Pensar

**(Com Anotações do
Prof. Paulo /Arantes)**

Revisão e atualização da monografia originalmente apresentada no
Curso INTRODUÇÃO A FILOSOFIA GERAL/95
Prof. Paulo Eduardo Arantes
Faculdade de Filosofia
Universidade de São Paulo

O móbil inicial desta dissertação foi a curiosidade e a tentativa de entender o prolongado diálogo travado sobre o *Aufklärung*, cujos interlocutores se pronunciaram com uma apreciável defasagem de tempo e de espaço: Biester, Zöllner, Mendelssohn e Kant, em Berlim, entre 1783 e 1784; Bento Prado Jr., Rubens R. Torres Filho e Márcio Suzuki, em São Paulo, entre 1976 e 1991, mais de 200 anos¹. Preliminarmente a escolha dos textos baseou-se na bibliografia dos seminários (1 sem. 95) e na reiterada utilização, nos títulos dos trabalhos, de termos como *Aufklärung*, *Esclarecimento* e *Ilustração*. Hannah Arendt – especialmente convidada para a tertúlia – também enfoca temas relacionados com o colóquio bissecular, com a vantagem de que suas análises remontam sempre à Grécia clássica, adicionando a dimensão histórica ao assunto e religando-o, no fechamento, com o texto de Bento Prado Jr.

Estabelecido este vasto diálogo como tema, a questão principal que se coloca é a seguinte: Porque a pergunta foi retomada? Uma eventual homenagem ao bicentenário do texto de Kant poderia justificar o artigo de

¹ – É possível que os textos tenham tido outras edições anteriores, no presente trabalho foram consideradas as seguintes publicações:

- Bento Prado Jr, *Os Limites da Aufklärung*, in Estudos Cebrap n. !5, Jan-Fev-Mar 1976;
- Rubens. R. Torres Filho, *Respondendo a Pergunta: Quem é a Ilustração?*, - in Ensaios de Filosofia Ilustrada, 1987; e
- Márcio Suzuki, *Uma ilustração para Poucos*, - in Sobre a Filosofia Universitária, 1991.

Rubens R. Torres Filho², nas dificuldades, à parte o brilhantismo, explicaria sua imediata repercussão e a multiplicidade de menções e citações que se lhe sucederam.

A PERGUNTA DE ZÖLLNER

"*Afinal, para ilustrados são desnecessárias todas essas cerimônias!*" A frase final do artigo de Johann Erich Biester no *Mensário Berlinense*³, acerca da necessidade ou não do casamento religioso, é a origem detectável de uma imensa espiral de discussões sobre as relações entre Filosofia e Política, sempre em expansão, que percorre toda a História recente do pensamento humano. A exclamação é um último adendo *en passant*, desprezioso, "*supreendentemente inócuo*" (na expressão de Rubens R. Torres Filho), quase meramente retórico, contudo explosivo; traz em si dois camuflados gatilhos. O primeiro toma a noção de *Ilustração* como acabada, plenamente realizada, ferramenta pronta para intervir na História. O segundo sugere que os *ilustrados* são uma aristocracia, um segmento à parte e privilegiado. Ambos os gatilhos serão premidos em diferentes momentos do curvo percurso da espiral.

A resposta de Johann Friedrich Zöllner, também um *ilustrado*, alude diretamente ao problema do casamento religioso, mas paralelamente aborda e examina os limites da *Ilustração*. Seus comentários são dubitativos, cuidadosos, prudentes, mais interrogam do que afirmam, e, num dado momento, colocam a pergunta clássica, que, sempre transformada, ecoa por toda a Filosofia contemporânea: "*O que é a Ilustração?*" "*Was ist Aufklärung?*" Frase-signo entendida mesmo pelos leitores de Filosofia que não conhecem o alemão.

Neste primeiro momento do diálogo, troca de senhas sobre a *Ilustração*, já temos um confronto entre duas posturas políticas distintas. A de Biester, que propugna por uma acelerada expansão e um desenvolvimento livre e desembaraçado do domínio da *Ilustração*, utilizando a noção como um instrumento transformador da sociedade. A outra, de Zöllner, mais conservadora, formula questões de oportunidade, momento e conteúdo do conceito; tem como pressupostos o respeito religioso, as razões do Estado, o estágio de evolução da sociedade etc.

Kant (simultaneamente a Moses Mendelssohn) entra no diálogo ressaltando que a interrogação é fundamental, "*tão importante como Que é a*

² – O texto de Kant é datado de Setembro de 1784, o artigo de Rubens R. Torres Filho foi publicado em 1987, portanto é previsível que o bicentenário da publicação tenha sido a origem primeira do trabalho.

³ – Todas as referências aos artigos de J. E. Biester e J. F. Zöllner são baseadas no texto de Rubens R. Torres Filho, *Respondendo a Pergunta: Quem é a Ilustração?*

Verdade?"⁴ Abre sua intervenção respondendo diretamente à pergunta através da noção de *menoridade*, a seguir retoma a contraposição de Biester e Zöllner, reconhecendo o caráter fortemente político da discussão, e procura superar o impasse recolocando o problema. Substituindo a noção de restrição pela de limite⁵. Estabelece duas posturas legítimas e circunscritas com clareza: enquanto *funcionário, encarregado ou responsável*, observar estrita obediência das normas e diretrizes; enquanto *cidadão*, exercer a plena liberdade de pensar. No "*uso público de sua razão*" pensar, se *ilustrar*, ousar saber, *Sapere Aude*, é mais do que uma liberdade, é uma obrigação moral do indivíduo.

Desde o aparecimento, este conjunto de textos (em especial o de Kant) foi marcado por instigantes reflexões e discussões. Como exemplo, por conta de uma curiosa casualidade e coincidência, em números sucessivos do *Mensário Berlimense* são oferecidas duas respostas à pergunta sobre a *Aufklärung*, uma de Moses Mendelssohn, outra de Kant. Quis talvez o acaso, invocado por Kant⁶, que as respostas tivessem um surpreendente paralelismo na articulação geral da solução, porém, como não poderia deixar de ser, variassem na forma, no tratamento do tema, e, sobretudo, divergissem no que tange ao progresso histórico: cíclico em Mendelssohn e contínuo em Kant.⁷

A força centrípeta que gera a espiral é o texto de Kant, cuja formulação, ao mesmo tempo, absolutamente articulada e completamente aberta, produz e atrai para si todas as ocorrências e elementos que ao longo dos últimos séculos vêm se incorporando à inacabada discussão. São muitas e importantíssimas as questões que podem ser referidas ao conjunto de artigos: a Filosofia Universitária, as relações entre Filosofia, Política e Religião, a liberdade de pensamento e diversas outras.

PENSAMENTO E SABER

Esta é a *frase chave* onde são enfeixadas as grandes linhas da discussão: "*Um grau maior de liberdade civil parece vantajoso para a liberdade de espírito do povo e no entanto estabelece para ela limites intransponíveis; um grau menor daquela dá a esse espaço o ensejo de expandir-se tanto quanto possa.*" E, logo a seguir, Kant complementa frisando "*a tendência e a vocação ao pensamento livre*" que "*atua em retorno progressivamente sobre o modo de sentir do povo [...] e finalmente até mesmo*

⁴ – Kant, *Resposta à Pergunta: Que é o Esclarecimento?*, - in *Textos Seletos*, Nota nº 1, p. 100.

⁵ – Rubens R. Torres Filho, *Respondendo a Pergunta: Quem é a Ilustração?*, - in *Ensaio de Filosofia Ilustrada*, p. 98.

⁶ – Kant, *Resposta à Pergunta: Que é o Esclarecimento?*, - in *Textos Seletos*, Nota nº 1, p. 116.

⁷ – Maria Lúcia Caciolla, *Apresentação à tradução do artigo de Moses Mendelssohn, Sobre a Pergunta: O que Quer Dizer Ilustrar?*, - in *Discurso* n 19

sobre os princípios de **governo**."⁸ Paradoxo das restrições impeditivas e favoráveis à *Aufklärung*; um medidor, uma espécie de termômetro para aferir a qualidade e a temperatura das relações entre a Filosofia e a Política.

A *liberdade de espírito* e o *pensamento livre* remetem a breve resenha de Gérard Lebrun – *Hannah Arendt: Um Testamento Socrático*, sobre o livro *A Vida do Espírito*, onde a autora produz uma cisão profunda entre o *pensamento* e o *saber* ou *conhecimento*, argumentando que os filósofos profissionais, inclusive Kant, sempre confundiram estes dois elementos, provocando um cientificismo generalizado e crescente em toda a Filosofia do ocidente. Mas o que é esse *pensamento puro*? Quais seus atributos? Quais seus predicados? De certa forma é quase nada, não acrescenta nenhum valor à sociedade, "*não tem nenhum alcance político*", contudo é intrinsecamente corrosivo, parece estar sempre solapando os "*alicerces da cidade*", "*no pensamento puro há sempre uma tentação autodestruidora*"; por outro lado o *pensamento puro* é a única forma de chegar à plena concordância íntima, "*a homologia consigo mesmo*", é também, surpreendentemente, "*a fonte da Lei Moral*", em última instância o *imperativo categórico*. Para toda esta construção (à qual Lebrun opõe restrições decorrentes da "*visão panorâmica*") H. Arendt retoma as circunstâncias do julgamento e da morte de Sócrates, que, num movimento semelhante à construção dos clássicos em Borges⁹, em geral assumimos como uma espécie de Cristo filosófico¹⁰.

A aproximação entre as ideias de H. Arendt e as colocações de Kant referentes à *Ilustração* é bastante fértil, possibilita uma série de considerações novas e intrigantes. Poderíamos começar relacionando o *pensamento puro*, fundamento das Leis Morais, e o paradoxo das liberdades impeditivas e favoráveis à *Aufklärung*. Em que medida a excessiva liberdade de espírito, levaria o pensamento à rarefação, aos questionamentos intermináveis, à paralisia? Prosseguindo, como se articularia o *pensamento puro* com a crítica de Schopenhauer à Filosofia Universitária? Dentro dos horizontes da Filosofia Universitária o *pensamento puro* se adequaria ao exercício da Filosofia pura, enquanto o *saber* se adequaria melhor ao exercício da História da Filosofia? Ou ainda, de que forma as noções de *pensamento* e *saber* se correlacionam com o *uso público* e *uso privado* da Razão? Todas essas questões exigiriam estudos detalhados e específicos para serem respondidas, porém, numa primeira aproximação, podem enriquecer e expandir a questão: Que é Esclarecimento, Verdade, Filosofia?

⁸ – Kant, *Resposta à Pergunta: Que é o Esclarecimento?*, - in *Textos Seletos*, pp. 114 2 116.

⁹ – *Sobre los Clásicos*, - in Jorge Luis Borges, *Obras Completas*, p. 772. No sentido de lermos ou adaptamos os livros ou assuntos às nossas necessidades, interesses ou conveniências.

¹⁰ – H. Arendt, *Filosofia e Política*, - in *A Dignidade da Política*, p. 91.

POLÍTICA E AUFKLÄRUNG

Respondendo à Pergunta: Quem é a Ilustração? O brilhante e muito citado texto de Rubem R. Torres Filho que, já por interverter *que* e *quem* na pergunta, mostra o viés eminentemente político que a abordagem assumirá. A argumentação é cuidadosamente conduzida à conclusão de que a "*época de esclarecimento*" só existiu porque garantida por um "*numeroso e bem disciplinado exército*." ¹¹ Este é um lado da questão, explicitado, com todas as letras por Kant; o outro, superficialmente tratado no texto de 1.784, mas central no trabalho de Torres Filho, evidencia que uma "*época de esclarecimento*", naquele contexto histórico, e quem sabe em qualquer outro, resulta da liberalidade do príncipe reinante quando este "*é realmente esclarecido (aufgeklärt) e merece ser louvado pelo mundo agradecido e pela posteridade como aquele que pela primeira vez libertou o gênero humano da menoridade*"¹². Ou seja, alguém como Frederico, o Grande, um rei-filósofo. De fato, uma eventual história das relações entre reis e Filosofia, seria ou tão complexa e interessante quanto, ou coincidiria com a própria História da Filosofia. Inclusive um episódio revelador para parafrasear a questão da *Ilustração*, remete ao encontro entre Alexandre e Diógenes, onde o filósofo pede apenas que não lhe seja negada a *luz*.

H. Arendt no seu ensaio *Filosofia e Política*, sugere que o julgamento e condenação de Sócrates se constituiu no evento extraordinário que precipitou a irreversível ruptura entre estas duas atividades. Pretende também explicitar, talvez como consequência necessária daquela cisão, a gênese da ideia do rei-filósofo. Os acontecimentos que cercaram a morte de Sócrates deixaram patente a vulnerabilidade do filósofo frente à cidade e a insuficiência e fragilidade da *opinião* e da *dialética* como formas de atuação política; estas constatações abalaram profundamente Platão, levando-o a reavaliar suas concepções, procurando alternativas para as carências e deficientes argumentativas manifestadas durante o lamentável episódio.

Para a autora, *opinião* é o modo de ver de cada indivíduo, não é ainda conhecimento, mas somente um passo na busca da verdade. Exterioriza-se no diálogo, na conversação entre amigos, no convívio dos homens; neste sentido, à priori, nenhuma *opinião* tem primazia sobre as demais, todas se equivalem como aproximações da verdade. O exame das *opiniões*, o diálogo, a conversa, a discussão eram os processos utilizados por Sócrates para fazer Filosofia; foi também este método, a *dialética*, que utilizou na sua defesa. Através do diálogo com os juízes tentou desvelar a verdade que o inocentaria. Entretanto como a *opinião* é apenas a verdade pessoal, "*assim que o filósofo submetia à polis a sua verdade [...] esta se tornava imediatamente uma opinião entre opiniões*"¹³, portanto

¹¹ – Kant, *Resposta à Pergunta: Que é o Esclarecimento?*, - in *Textos Seletos*, pp. 114 2 116.

¹² – Idem, *ibidem*, p. 112.

¹³ – H. Arendt, *Filosofia e Política*, - in *A Dignidade da Política*, p. 95.



a presuntiva inocência de Sócrates se reduziu a uma mera escolha entre opiniões. Assim colocadas, as deles e as dos juízes se equivaliam, porém as últimas carregavam a autoridade e a restrição da cidade às atividades filosóficas.

Com a derrota e a condenação, Platão se convenceu da ineficácia do método de Sócrates, que, para sua defesa, ao invés de usar a *dialética*, o diálogo, a "arte do falar filosófico", deveria ter utilizado a *retórica*, a persuasão, a "arte do falar político"¹⁴. Enquanto a *dialética* é a conversa amigável entre dois iguais, a *retórica* é a forma de se dirigir e convencer a multidão. A execução de Sócrates cristalizou em Platão duas certezas: a vulnerabilidade e falibilidade da *opinião* e a insegurança do filósofo, decorrente da incompreensão de suas atividades pelo bem da cidade. Como resultado dessas constatações, segundo H. Arendt, o pensamento platônico descolou-se de Sócrates, transformou-se, em nível ontológico, epistemológico e político, buscando estabelecer uma verdade, uma visão de mundo, um espaço que não dependesse das *opiniões* e pudesse prevalecer contra elas. Para operar e servir de intérprete dessa nova verdade de caráter absoluto e eterno e, ao mesmo tempo, se proteger da instabilidade e desconfiança da cidade, Platão imaginou a conveniente solução do rei-filósofo.

A fissura entre Filosofia e Política no pensamento platônico teve dois desdobramentos relevantes. O primeiro, contrapor às imprecisas e mutáveis *opiniões* dos homens uma verdade única, sólida, imutável e oficial, entendida e explicada apenas por poucos – governantes, sábios e reis-filósofos. O segundo, uma temeridade para H. Arendt, apartar os filósofos do meio dos homens e transfigura-los, de distraídos, alheios e politicamente despreparados em dirigentes, governantes e reis. A ficção dos reis-filósofos não se realizou, foi transformada em distanciamento entre o filósofo e a cidade, Com a desvinculação passaram a existir duas categorias de ideias: de um lado as *opiniões*, os *pensamentos puros* as livres indagações; do outro as verdades eternas, o saber; o conhecimento. Em consequência, depois de Aristóteles "a única coisa que os filósofos queriam da política era que os deixassem em paz; e a única coisa que reivindicavam do governo era proteção para sua liberdade de pensar".¹⁵ Desejos que correspondem quase exatamente àqueles reiteradamente preceituados por Kant ao longo de todo o artigo e, em particular, no paradoxo das restrições impeditivas e favoráveis à *Aufklärung*.

POUCOS E RAROS

Quando com sua exclamação Biester inaugura o questionamento sobre a *Aufklärung*, já considera, implicitamente, que, para um grupo especial, os

¹⁴ – H. Arendt, *Filosofia e Política*, - in *A Dignidade da Política*, p. 95.

¹⁵ – Idem, *ibidem*. P. 106.

ilustrados, são desnecessárias as cerimônias religiosas de casamento. Esse sentimento adere perfeitamente a uma sutil noção de aristocracia, de elitismo intelectual que perpassa por toda Filosofia. A colocação é recorrente e aflora frequentemente, como mostra Márcio Suzuki no artigo *Uma Ilustração Para Poucos*, comentando o ensaio *Sobre a Filosofia Universitária* de Schopenhauer.

Se aceitarmos H. Arendt, a Filosofia para os gregos era uma atividade menor, uma espécie de arte, um diletantismo não muito sério; a partir de Platão a atividade é transformada, valorizada, reservada para os poucos que conseguem ter acesso ao mundo das ideias puras e, por fim, reivindicada para os reis e dirigentes. Em Kant, restringindo-se ao texto sobre a *Aufklärung*, a ideia remanescente é de um grupo de tutores que conduz lentamente o povo ao esclarecimento. Em Schopenhauer, como alerta M. Suzuki, o conceito de *Aufklärung* é mencionado apenas uma vez, o termo é quase estranho à obra do autor, porém o problema da aristocracia, do elitismo da Filosofia é mais definido e específico.

Na obra *Sobre a Filosofia Universitária* o elitismo não se localiza na relação da Filosofia com as outras Ciências ou com o povo, reside na relação entre a *Filosofia pura* e a Filosofia Universitária, profissional, "*de casaca*". Schopenhauer dirige um ataque cerrado e feroz, quase mal educado, contra a Filosofia dominante radicada nas faculdades alemãs da época; investe contra Hegel, Fichte e Schelling na medida em que desvirtuam e embaraçam o pensamento de Kant; aponta para a falso saber, o despreparo intelectual, o engodo, os escritos intencionalmente obscuros (*It's like German metaphysics*)¹⁶, o interesse pessoal, a politicagem em benefício de grupos restritos e outros males. Outra coisa, distinta e diferente, é a *Filosofia pura*, quase um presente dos deuses, favor inestimável das musas, destinada a poucos e raros. Esses "*anômalos*" *ilustrados*, "*eleitos pela aristocracia da natureza*", "*são os únicos de quem o mundo recebe ensinamento*", através deles "*a natureza chegou a uma mais clara consciência de si mesma*"¹⁷.

O elitismo de espírito, a aristocracia intelectual que se depreende da obra, tem origem na natureza, é moral, congênita e inata, não depende do sangue, nem da classe, nem da política, ao contrário esta última lhe é até prejudicial. De fato, talvez esteja no desencontro entre o elitismo por mérito e o falso elitismo dos escusos grupos de interesse, a causa do desconforto do autor. Suas críticas mais intensas e acerbadas, certas ou erradas, são dirigidas contra os grupos articulados que ocupam todos os espaços da Filosofia oficial: as cátedras, a imprensa, as publicações, o mercado editorial; grupos compostos não pelos melhores e mais capazes, a elite intelectual, mas pelos bajuladores, complacentes, coniventes com as razões e finalidades do Estado; aqueles que

¹⁶ – Schopenhauer, *Sobre a Filosofia Universitária*, p. 63.

¹⁷ – Idem, *ibidem*, pp. 50 e 56.



por incapacidade ou conveniência pessoal se propõem a obedecer cegamente as instruções dos governantes. Os interesses combinados do Estado e dos *professores de Filosofia* constroem um bastião, uma muralha de mediocridade que é inexpugnável e refratária aos verdadeiros filósofos.

Retomando as linhas gerais das colocações anteriores, outra vez temos duas verdades, dois tipos de filosofias, dois esclarecimentos: um, livre, criativo, progressista e corrosivo à sociedade; outro, organizado, estruturado, consolidado, o corpo de conhecimento da sociedade. A passagem de um tipo de conhecimento ao outro, ou seja, a incorporação do produto do *pensamento puro* ao corpo geral do saber, é um problema complexo e, às vezes, conflituoso. Kant tinha conhecimento da necessidade absoluta e inadiável dessa transição, por isso se coloca de forma clara e intransigente contra uma possível estagnação e petrificação da sociedade, se põe francamente a favor do progresso e da evolução, como podemos observar por um extrato de sua longa exposição do assunto: "*Tal contrato, que decidiria afastar para sempre todo ulterior esclarecimento ["Aufklärung"] do gênero humano, é simplesmente nulo e sem validade, mesmo que fosse confirmado pelos mais solenes tratados de paz. Uma época não pode se aliar e conjurar para colocar a seguinte em um estado em que se torna impossível para esta ampliar seus conhecimentos (particularmente os mais imediatos), purificar-se dos erros e avançar mais no caminho do esclarecimento ["Aufklärung"]. Isso seria um crime contra a natureza humana, cuja determinação original consiste precisamente neste avanço.*"¹⁸

O TERMÔMETRO DE KANT

Numa abordagem pouco rigorosa, porém operacional, poderíamos concluir que o conceito de *Aufklärung*, conforme está articulado na frase-chave de Kant citada acima, funciona como uma espécie de termômetro para avaliar o grau de febre da sociedade. Isto é, quando Kant enuncia seu paradoxo das restrições impeditivas e favoráveis à *Aufklärung*, correlaciona diretamente a estrutura política da sociedade com o grau de liberdade oferecida, deste par de condições resulta a qualidade da Filosofia praticada. Para complementar o filósofo de Königsberg acrescenta também que o pensamento livre é uma vocação, uma inclinação da natureza do homem, e que o exercício dessa tendência afeta e altera os fundamentos políticos e sociais. Com estes dois arcos o circuito se fecha, os elementos todos se organizam. Assim com o 'termômetro de Kant', analogamente ao termômetro do médico, ao medirmos um dos componentes elencados na frase, poderemos fazer uma segura inferência sobre os demais. Se há febre o organismo todo deve estar doente. Kant não nós fornece uma escala precisa de valores mensuráveis, mesmo porque a escala varia de acordo com as exigências de cada época, porém indica como os elementos se inter-relacionam e como devemos medi-los.

¹⁸ – Kant, *Resposta à Pergunta: Que é o Esclarecimento?*, - in *Textos Seletos*, p. 108,109.

Aqui, acho que sua transição foi rápida demais
Aqui, acho que sua transição foi rápida demais



Bento Prado Jr., no artigo *Os Limites da Aufklärung*, chama a atenção para a coincidência do nascimento simultâneo da Europa e da Filosofia, as duas são filhas da Grécia, irmãs gêmeas. Neste sentido quando Husserl discute *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia* e interroga sobre as mazelas da Europa, a pergunta se propaga à Filosofia, porque os problemas de ambas, conforme o esquema proposto por Kant, estão forçosamente relacionados. Da mesma forma, a escolha da expressão *limites da Aufklärung*, entre outras coisas, indica a necessidade de circunscrever a extensão e a abrangência do assunto tratado. Primeiro, se refere à Europa, o *ocidente absoluto* e à Filosofia a *Ilustração absoluta*. Segundo, alude aos mecanismos constritores e restritivos que afetam a comunidade europeia, e, por extensão, atingem o mundo todo, Por fim, aponta o perigo definitivo e absoluto: o Nazismo, a barbárie que quebra o 'termômetro de Kant' porque não se preocupa com a saúde do doente. O limite absoluto da *Aufklärung* é sempre a barbárie, porque rompe e rejeita as delicadas relações entre a estrutura da sociedade e liberdade, impedindo assim o exercício da Filosofia.

Dizendo Prado Jr. está tomando Aufklärung no sentido (negativo) da Habermas e Adorno (aliás muito próxima da Schopenhauer)

Bento Prado Jr. está tomando Aufklärung no sentido (negativo) de Habermas e Adorno (aliás muito próxima de Schopenhauer)

A Análise de alguns textos da bibliografia proposta para os seminários, mesmo correndo o risco de excessiva simplificação, leva a considerar que em vários deles ecoam as colocações de Kant sobre a *Ilustração*, seus temas gravitam em torno e são atraídos pela crescente espiral que envolve a *Aufklärung*. Explicitando melhor a proposição, sempre que ocorrem perguntas tais como: "o que é ...", "por que ..." e outras semelhantes, pode-se ter uma razoável certeza de que algum (ou alguns) dos componentes do 'termômetro de Kant' está desregulado, incomodando e perturbando os demais, seja a nível de Política Estatal, Política Cultural, Política Departamental ou qualquer outra instância.

Dizendo de outro modo, o *uso público da própria razão* de Kant, o *pensamento puro* de H. Arendt, a *opinião* de Sócrates e a *Filosofia pura* de Schopenhauer, só sobrevivem na sutil confluência positiva das restrições impeditivas e favoráveis à *Aufklärung*. Porque todas essas situações são excessivamente frágeis e sensíveis. Quem sabe por que sua principal ocupação é exatamente refletir sobre os instáveis limites desse espaço paradoxal que as contém.

Um bom começo para um futuro trabalho.

Revisitando pela última vez o campo da espiral e recapturando a pergunta da introdução, talvez Bento Prado Jr. e Rubens Torres Filho tenham recolocado a pergunta clássica naquele momento histórico, porque não atravessavam uma época esclarecida, e menos ainda uma época de esclarecimento.

Excelente trabalho. Você encaminhou muito bem o seu assunto. Parabéns.

Excelente trabalho. Você encaminhou muito bem o seu assunto. Parabéns.

Nota: 10,0 (det)

Rubens Torres Filho

20/6/95



BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ARENDT, HANNAH, *A Vida do Espírito*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993
-----Filosofia e Política, - in *Dignidade da Política*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993
- KANT, IMMANUEL, Resposta a Pergunta: Que é "Esclarecimento?", - in *Textos Seletos*, Petrópolis, Editora Vozes, 1974
- LEBRUN, GÉRARD, HANNAH ARENDT: Um Testamento Socrático, - in *Passeios ao Léu*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1993
- MENDELSSOHN, MOSES, Sobre a Pergunta: O que Quer Dizer Ilustrar?, - in *Discurso nº 19*, São Paulo, USP - FFLCH-Dep. Filosofia, 1992
- PRADO JR, BENTO, Os Limites do Aufklärung, - in *Estudo CEBRAP nº 15*, São Paulo, Editora Bras. de Ciências, Jan-Fev-Mar 1976
- SCHOPENHAUER, ARTHUR, *Sobre a Filosofia Universitária*, São Paulo, Editora Polis, 1991
- TORRES FILHO, RUBENS RODRIGUES, *Ensaio de Filosofia Ilustrada*, São Paulo, Brasiliense, 1987